São Francisco do Conde: lugar de memória ambiental

Davi Codes¹

Marco A. L. Barzano²

RESUMO

SÃO FRANCISCO DO CONDE: LUGAR DE MEMÓRIA AMBIENTAL.

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que enveredamos na comunidade ribeirinha do município de São Francisco do Conde - BA. Nosso principal objetivo foi compreender, a partir dos enunciados dos pescadores, a paisagem ambiental daquele lugar, buscando na memória desses sujeitos, as conexões entre o passado e o presente. Optamos pela centralidade metodológica a partir das narrativas orais como mecanismo de obtenção das impressões engendradas entre os pescadores e a relação com aquela localidade. Três “mestres do mar” de São Francisco do Conde foram entrevistados e compartilharam conosco suas percepções e conhecimentos, escapando da linearidade temporal e demonstrando o dinamismo da memória através dos seus relatos do tempo de antigamente, do tempo presente e de suas pretensões para o futuro em trânsito. As mudanças no município, os recentes impactos ambientais, os saberes sobre o lidar com a natureza em que se encontram, por fim, revelam as possibilidades pedagógicas de que esses sujeitos possuem para ensinar Educação Ambiental fora da escola. Esta pesquisa demonstrou-nos, além de nossos interesses investigativos, a possibilidade de um outro pensamento que devemos assumir tanto na Educação Ambiental quanto no curso de Ciências Biológicas, principalmente, no que se refere ao ensino-aprendizagem: a necessidade de valorização dos saberes tradicionais e na aposta em novas metodologias, como a história oral.

Palavras-chave: Memória; História Oral; Educação Ambiental.

ABSTRACT

SÃO FRANCISCO DO CONDE: ENVIRONMENTAL MEMORY PLACE. This article presents the results of a survey that we set to do, at the riverside community of São Francisco do Conde - BA. Our main objective was to understand from the statements of the local fishermen, the environmental landscape of the place, looking at the memory of the subjects, their connections between past and present times. We chose the methodological centrality of oral narratives as a mean of obtaining impressions engendered among the fishermen and their relationship with the location. Three "masters of the sea" of San Francisco do Conde were interviewed and shared with us their insights and knowledge, escaping the temporal linearity and demonstrating the dynamic memory through their stories from the past and the present time, as well as their intentions for the future in transit. The changes in the city, the recent environmental impacts, the knowledge about dealing with the nature, finally revealed the pedagogical possibilities which these guys have,

¹ Aluno de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Feira de Santana. Bolsista de Extensão. Tem experiência na área de Educação Ambiental, História Oral e Fotografia.

² Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana, atuando no curso de graduação em Ciências Biológicas. Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação (UEFS) e no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA/UEFS). Atua como presidente da Associação Brasileira de Ensino de Biologia.

to teach Environmental Education out of school. This research showed us beyond our investigative interests. It has shown the possibility of another thought for Environmental Education in the Biological Sciences course, especially with regard to teaching and learning: the need for enhancement of traditional knowledge and on the bet on new methodologies, such as oral history.

Key words: Memory; Oral History; Environmental Education.

EXPERIMENTANDO NOVAS PERSPECTIVAS

Italo Calvino (2005, p. 19), entre seus múltiplos contos, narra em “As Cidades e a Memória 4”:

Ao se transporem seis rios e três cadeias de montanhas, surge Zora, cidade que quem viu uma vez nunca mais consegue esquecer. Mas não porque deixe, como outras cidades memoráveis, uma imagem extraordinária nas recordações. Zora tem a propriedade de permanecer na memória ponto por ponto, na sucessão das ruas e das casas ao longo das ruas e das portas e janelas das casas, apesar de não demonstrar particular beleza ou raridade. O seu segredo é o modo pelo qual o olhar percorre as figuras que se sucedem como uma partitura musical da qual não se pode modificar ou deslocar nenhuma nota.

O arremesso a esse conto foi um desejo de expressar neste artigo os sentidos que a pesquisa que investimos na cidade de São Francisco do Conde operou. A narrativa de Italo Calvino expande o território geográfico e nos carrega para o mundo da fabulação, da estética, da memória, da simbologia, da invenção e da imaginação. Em outras palavras, nosso interesse no registro dos resultados de nossa pesquisa no presente artigo é, antes de tudo, narrar nossa aposta em uma Educação Ambiental com uma visão focada na relação meio ambiente e culturas, algo que temos percebido que ainda tem sido pouco focado tanto nas abordagens de Educação Ambiental, quanto nas pesquisas do campo da Educação em Ciências.

Mais que isto, o que elegemos ao olharmos para São Francisco do Conde, no estado da Bahia, foi a vontade de conhecê-la pelas lentes e narrativas daqueles que nela vivem, os seus saberes encarnados, as suturas marcadas em seus corpos, a memória realidade/ficção e tudo isso conectado com o meio ambiente.

Para nos auxiliar nesta investigação, buscamos a História Oral como metodologia de pesquisa, que nos permitiu captar as narrativas dos sujeitos e abriu inúmeras possibilidades para a leitura de suas subjetividades. Segundo Amado e Ferreira (2006), uma pesquisa com fontes orais apoia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas; estas são legitimadas como fontes (seja por seu valor informativo, seja por seu valor simbólico, incorporando assim elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas - tradicionalmente relacionadas apenas a indivíduos - como a subjetividade, as emoções ou o cotidiano).

Neste sentido, obter essas narrativas nos permitiu minimamente trabalhar sobre questionamentos que Reigota, Ribeiro e Ribeiro (2003) nos ofertam: “Como cada pessoa dá sentido (social) à sua existência? Como narra a sua trajetória e como é a contextualização com a história social? Como, mediante narrativas pessoais, podemos aprofundar o conhecimento sobre aspectos encobertos

ou negligenciados pela historiografia oficiosa ou oficial?” Essas e outras tantas questões que são intrinsecamente indissociáveis ao meio ambiente local, e mais, foco de disputa social, política, cultural e econômica pelos atores que a compõem.

Disputas estas que se instauram quando nos utilizamos da memória. Fonte das nossas narrativas e universo de onde são trazidos os saberes e constructos da vida. Uma memória que está diretamente ligada a uma identidade própria e que se manifesta através dos relatos. A memória que não se restringe apenas ao espaço da educação formal, mas rompe com os paradigmas da racionalidade científica, que se fundamenta num pensamento de dominação dos recursos naturais (SANTOS, 2008).

Recorremos a Ecléa Bosi (1987), que nos mostra que existem dois tipos de memórias: uma que está relacionada à denominada memória hábito e faz parte de nosso contexto cultural e da percepção, presente e incorporada às práticas do dia a dia e outra que está relacionada mais à imagem lembrança, de caráter não mecânico, mais evocativo, ligada mais ao inconsciente, tem data certa, referindo-se a uma situação definida, individualizada.

Novamente com Reigota (2010), confirmamos nossa pretensão de assumir que estávamos, com esta pesquisa, possibilitando dar voz e escuta a quem vem das margens e, mais que isto, permitir que a voz deste “marginalizado” tenha ressonância no curso de Ciências Biológicas, lugar em que nós, autores deste artigo, estamos envolvidos; ao mesmo tempo,

queremos apostar na realização de trabalhos diferenciados, pois o que ainda é predominante nas pesquisas no campo das Ciências Biológicas e algumas vezes herdadas na área do Ensino de Biologia é a pesquisa clássica da Modernidade, onde os “dados” são tratados, predominantemente.

Em nossa trajetória no curso de Ciências Biológicas, seja como professor/pesquisador ou aluno/orientando, temos apostado em um currículo-desejo (PARAÍSO, 2010), ou seja, aquele que tem plenas condições de “desterritorializar as normas do currículo-forma, dos reagrupamentos, gerando possibilidades de aprendizados insuspeitadas. (...) é uma aposta no movimento que se conecta e faz composições gerando outros movimentos” (p. 166).

Para nos aproximarmos desse currículo desejante, procuramos nos conectar com saberes que são produzidos fora da “grade curricular” do curso de Ciências Biológicas. Nosso arremesso e investimento foi, então, na História Oral³, nas comunidades tradicionais de pescadores, nas culturas, memórias e subjetividades.

Na pesquisa que realizamos, assumimos que a História Oral seria o nosso empreendimento metodológico, pois encontramos nela a possibilidade de extravasar os limites temporais de uma entrevista. Com essa metodologia, conseguimos recuperar saberes que estão encarnados, visceralmente

3 Indicada como primeira espécie de história, teve sua primeira geração de historiadores que a utilizam como metodologia nos anos 50, com o desenvolvimento de trabalhos na área das ciências políticas e se ocupavam das elites. Na América Latina, por sua vez, os estudos desenvolveram-se também na área de história política e antropologia. No Brasil, em 1975, na Fundação Getúlio Vargas, criou-se o primeiro programa de história oral, com o objetivo de colher depoimentos dos líderes políticos desde 1920 (Whitaker & Veloso, 2005).

entranhados em suas memórias, pois fazem parte de suas histórias de vida e esse é o nosso argumento: os ensinamentos dos pescadores possibilitam-nos pensar sobre meio ambiente, educação ambiental, ensino de biologia (desde a educação básica ao ensino superior) diferente daquilo que está registrado nos livros. Somente com suas lembranças é que conseguimos ter acesso sobre os fatos que transformaram a paisagem ambiental de São Francisco do Conde.

De acordo com Ruscheinsky (2005, p. 142):

A utilização da história oral como metodologia de investigação possibilita gerar uma ciência em cuja articulação dos argumentos se põe o indivíduo no meio da roda, ou no centro do processo. O procedimento diz respeito a padrões culturais, estruturais, sociais, nexos políticos, relações sociais e processos históricos, visando aprofundar o conhecimento sobre essas esferas por meio de conversas com pessoas sobre a sua experiência e ainda o impacto que estas tiveram na vida de cada uma, a partir da memória individual.

Neste artigo, pretendemos recuperar as histórias orais destes pescadores com a intenção de contribuir para a produção do conhecimento sistematizado sobre São Francisco do Conde. Além disso, preservar a memória desse lugar, narrada pelos sujeitos que nela vivem há muitos anos e, por isso, os verdadeiros detentores do saber sobre o meio ambiente, culturas, subjetividades, imaterialidade do patrimônio e os valores simbólicos.

Concordamos com Da Ros e Cruz (2011, p. 627), quando nos reforçam a ideia de que:

(...) a utilização da história oral como ferramenta de pesquisa, justifica-se por sua capacidade de apropriação daquilo que está presente nos movimentos da subjetividade e que extrapola a dimensão lógica racional, presente na maioria dos documentos formalizados. Aquilo que está presente, por exemplo, nos gestos, nos olhares ou nas lágrimas de quem conta. Suas falas e praticamente tudo que é registrado e que possui vestígios de manifestações de oralidade da sabedoria popular são consideradas como documentos orais.

Nos diálogos que surgiam com os narradores, a pergunta sobre como era o seu território nos tempos de antigamente, permitia uma “revolta da maré” de possibilidades narrativas. Supomos então que o compartilhamento dessas narrativas nada mais era que um grande mecanismo de valorização e escuta das impressões/preensões que estes moradores de São Francisco do Conde possuíam sobre seu ambiente.

Vale ressaltar que as narrativas lançadas neste texto, de maneira alguma se concentraram numa sequência lógica e encadeada na elaboração daquilo que ouvimos, mas sim, estiveram presentes e perpassaram muitos momentos da conquista narrada. Como fruto de motivações subjetivas que perpassam os três pescadores, falar sobre o tempo passado os estimula, mesmo em momentos quando apresentam elementos que os incomodam.

São meandros da memória que rompem com qualquer temporalidade, caminhos que navegados trazem lembranças e esquecimentos e misturam experiências com desejos. Godoi (1999) complementa dizendo:

Consideramos que as versões do passado são instrumentos fundamentais de definição da realidade atual e perspectivas futuras, mas que o contrário não deixa de ser verdade, isto é, as perspectivas de mudanças futuras também podem redefinir versões do passado, de forma a tê-las, até mesmo, como instrumento de ação política (p. 28-29).

Igualmente, encontramos essa potencialidade nos moradores do mar de São Francisco do Conde. Repletos de múltiplos sentidos e saberes ambientais que somente poderiam ser acessados se apoiados pela sua oralidade. Certos do nosso arremesso, vimos e ouvimos se desenharem as belezas de um meio ambiente/homem que julgamos ser diferente.

Assim, Castellucci Júnior (2007) nós remonta dizendo: “seja relutando em aceitar viver no presente, reelaborando a imagem de um passado idílico, seja narrando de maneira dramática o passado e enaltecendo o presente, estes sujeitos revelaram em suas vozes que a história é na sua essência um campo de possibilidades.” (p.119), e são elas que nos levam à Educação Ambiental.

PESCADORES-NARRADORES E SÃO FRANCISCO DO CONDE

Nesta parte do texto, pretendemos apresentar os sujeitos que participaram de nossa pesquisa, bem como tecer considerações acerca do lugar que escolhemos para o desenvolvimento da investigação. Ressaltamos que este texto é um recorte de um projeto maior, cuja temática recai no tema sobre Etnobiologia, Meio Ambiente e Sociedade e, dentre várias facetas analíticas, escolhemos as narrativas de pescadores-narradores.

Procuramos apresentá-los não apenas como moradores de São Francisco do Conde, mas, sobretudo, como trabalhadores que possuem a pesca como teia que os une. Tanto Seu Zequinha⁴, quanto seu Dé possuem a pesca como principal fonte de renda e a têm como modo de vida que perpassa todas as esferas de seus cotidianos, diferente de seu Neco que tem a pesca como uma alternativa à demanda econômica.

A cidade de São Francisco do Conde é localizada dentro da Baía de Todos os Santos, no estado da Bahia e foi fundada no ano de 1697. Encontra-se a 11 metros de altitude em relação ao nível do mar, com uma área absoluta de 184km². Possui clima quente e úmido, com temperatura média de 24.3°C, além de uma população total de 31. 699 habitantes (IBGE, 2009). Possui uma arrecadação municipal de impostos ligados à produção e refino de petróleo pela refinaria RLAM, da Petrobras, de cerca de R\$ 200. 000.000 de reais por ano (idem).

Seu Dé nos conta que o município de São Francisco do Conde não possuía esta configuração, inclusive, havia outra conformação nominal:

“Eu tenho lembrança porque aqui não era a cidade de São Francisco do Conde, aqui era Vila de São Francisco do Conde, porque nós temos ali já chegando em Santo Amaro quando a gente vai por lá, que tem um cais que chama, o Conde, era onde desembarcava a mercadoria pra fornecer à cidade de Santo Amaro da Purificação. Aí, aqui era Vila do Conde. Por volta de cinquenta anos, foi quando eu realmente me achei garotinho, aí que eu tenho lembrança.

⁴ Estes nomes não são fictícios. Foram autorizados pelos três sujeitos participantes da pesquisa.

Aqui não tinha calçamento, não tinha água encanada, nossa rua não tinha aluminação⁵, nossa aluminação era lampião, esses candieiro de lata de leite Ninho⁶, com querosene, e só tinha mesmo, às vezes, lâmpada aqui no Centro, aquelas lâmpadas pequenininhas pra aqueles postinho de madeira, aquelas casas humildes, essa rua minha aqui. A maré vinha aqui... era, vinha aqui, era pé de araca, aqui só tinha oito morador nessa rua, de lá do início da rodoviária até cá, só tinha oito morador”.

São narrativas como essa que desejamos apresentar no decorrer do artigo para compor a análise dos resultados de nossa investigação, com o interesse de buscar nos enunciados dos três pescadores, compreender a partir de suas histórias de vida, suas relações com o lugar, as percepções ambientais, as conexões com outros sujeitos. Memórias! Memórias de narradores, como nos ensina Benjamin (1994, p. 223): “o cronista que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”.

As narrativas ambientais se iniciam na perspectiva do tempo passado, quando em muitos relatos os sujeitos-pescadores dão ênfase a uma realidade existente de outrora e se exercitam ao compará-la com a atualidade. Essa temporalidade cambiante impressiona pela sua fluidez e, mais uma vez, nos remete aos diferentes formatos da memória, seja ressentida, saudosista ou enaltecida de lidar com as lembranças. Para Ruscheinsky (2005, p. 143):

A peculiaridade da fonte oral reside na riqueza oferecida pela rede de signos, sentimentos, significados e emoções, expressa pelo narrador ao pesquisador, espelhando tanto abundância ou quantidade quanto qualidade que o material dos depoimentos diretos potencializa.

O discurso enuncia – daí que a oralidade sustenta-se como reveladora – significados originais, para cuja leitura o pesquisador precisa desenvolver a devida perspicácia. Assim sendo, permite-se apreender significados e conotações, silêncios e percepções, seja pelo tom e ritmo, pelo volume e certeza utilizado pelo narrador, os quais ultrapassam muitas vezes a forma escrita.

Assim como Reigota e Prado (2008, p.18), trabalhamos com a perspectiva política das subjetividades (desejos, sentidos, significados, representações) relacionadas ao meio ambiente e à educação e como ela se manifesta nas relações de poder e nas práticas pedagógicas, sociais e cotidianas.

Destacamos que as conversas com os sujeitos-pescadores ocorreram individualmente e foram áudio-gravadas com autorização para que seus nomes fossem anunciados.

5 Preferimos manter a linguagem utilizada pelo narrador. As transcrições foram feitas de modo integralmente segundo formato de “textualização”, segundo Meihy (2007), cuja concepção e técnica busca reproduzir honesta e corretamente a entrevista em um texto escrito; mantendo as características originais do falado; e contendo sobretudo a atmosfera da entrevista, seu ritmo, e principalmente a comunicação não-verbal inclusa: as emoções do depoente como risos ou choros, entonações e inflexão vocal.

6 Uma marca registrada de leite em pó.

O que consideramos relevante para a realização do trabalho foi lidar com indivíduos, sujeitos cujo exercício do trabalho extrapolava a definição de atividade produtiva, mas passava a se configurar como modo de vida, integrando-se à subjetividade individual e configurando-se como cultura. Essa relação existia nos indivíduos escolhidos à beira do mar de São Francisco do Conde e, acima de tudo, estava ligada diretamente com o interesse deste trabalho, o meio ambiente local. Esses três senhores possuíam morada no mar.

“Quando se fala no meio ambiente, já começa dentro de casa”

São Francisco do Conde, possuidor de um belo mar, repleto de canoas flutuantes e de homens e mulheres corajosos. Um mar, cenário do cotidiano de muitos que dele desfrutam, fonte para muitos que dele dependem, sonho para muitos que ele enaltece.

O município de São Francisco do Conde é marcado por inúmeros impactos ambientais, como derramamento de óleos oriundos das refinarias da Petrobras, fenômeno da maré vermelha e futura construção do EcoResort na Ilha de Cajaíba, situada à frente da sede do município cerca de quarenta metros. O ambiente local, simbolizado por extensas áreas de manguezais, tem sofrido impactos gerados pelos projetos desenvolvimentistas, o que interfere nas práticas e dinâmica de vida dos moradores que estão diretamente ligados a esses recursos.

Em nossa pesquisa, procuramos nos debruçar sobre uma investigação de Educação Ambiental, que enfatize sobre os saberes populares engendrados naquela localidade. Para isto, buscamos conversar com os indivíduos que exercem atividades diretamente ligadas à natureza local, possibilitando que eles pudessem expressar suas crenças, técnicas e saberes da pesca e, a partir disso, analisarmos suas percepções e construções que frutificam das diferentes formas de se relacionarem com seu meio, tendo como meta dentro da Educação Ambiental, compreender para conservar culturas e o meio ambiente.

Nossa inspiração primeira, para assumirmos essa opção metodológica, deu-se a partir da leitura da obra organizada por Leandro Belinaso Guimarães e colaboradores (2003), que permitiu-nos uma aproximação com a Educação Ambiental inspirada na vertente pós-estruturalista e, especialmente, com o texto de Janice Zanco (2009), nomeado História da Lagoa do Peri. Sobre esta trajetória ela diz: “...muitas vezes lembramo-nos de proteger e conservar o meio ambiente e “esquecemos”, também muitas vezes, de preservar os homens, as mulheres, ou melhor, nós, que também compomos uma história de relação com a natureza (p.77).

Infelizmente, para muitos, o conceito de Educação Ambiental não passa de uma aula de ecologia, uma palestra de biologia, ou qualquer coisa parecida e são esses conceitos que, talvez, impedem muitas vezes de se fazer uma prática mais significativa, que leve a mudanças de valores e ações políticas sociais. (ZANCO, 2003, p.90).

Nesta seção, apresentaremos o que consideramos como mais relevante não apenas no que se refere às modificações ambientais oriundas das implicações da modernização do município, como também traremos algumas perspectivas que os pescadores carregam e compartilham conosco sobre o contato com a natureza.

Muitas narrativas que aqui trazemos extrapolam o sentido individual da situação, mas visivelmente ganham a conotação de preocupação social a que o coletivo vivencia, ou seja, nas interferências que as práticas produtivas na área da pesca têm sofrido, na degradação nos ambientes costeiros e suas implicações na saúde local, nas organizações coletivas de suavização da degradação no município ou, ainda, nas mudanças que devem ser implementadas tanto em nível educacional quanto através das políticas públicas, como veremos a seguir:

“Olhe, o meio ambiente aqui era muito agressivo⁷ porque tinha acidente ecológico de petróleo, o povo jogava lixo, não tinha aquele cuidado que tem hoje. Agora, só que a cutia⁸ de pescado era muito alta, era muito produtiva, mas também tinha aquele problema que era um pescado poluído também, né? Como a gente cansou de pescar siri, caranguejo com o casco cheio de petróleo e ele não morria, ele sobrevivia. Agora, de qualquer maneira era poluído, só que naquele tempo não tinha a tecnologia que tem hoje, pra examinar se era poluído ou não, mas, quando no início da pesca o meio ambiente aqui era muito agressivo, era esgoto jogado para o mar...” (Seu Dé)

Por mais que as intenções de pesquisa e organização do roteiro de entrevista deixassem em aberto os delineamentos temáticos acerca do meio ambiente local, as narrativas que se seguiram entre os três pescadores convergiram em denúncias de descaso e incidentes que muito prejudicaram a comunidade local e a cultura ribeirinha.

Neste direcionamento, diagnóstico, se assim podemos considerar, não seria possível debater benefícios trazidos pelas fábricas que hoje se encontram no município de São Francisco e na região circunvizinha. Dar escuta e relevância às temáticas das narrativas obtidas seguiu como coerente com a prática de uso de fontes orais.

Seu Neco complementa, trazendo as consequências observadas e vividas nas áreas de mangue, não exclusivamente oriundas das empresas que se instalam no litoral, mas por conta do avanço imobiliário nestas áreas.

“Na outra parte, como eu falei com você, esses negócios de florestamento, já acabaram, fizeram um desmatamento tão grande que cê vê, cê olha, chega nessa parte ali que isso aqui era tudo mata. Hoje você não vê é mais nada, hoje você vê uma moitinha de mata como essa aqui, é num lugar, é uma moitinha em outro lugar, acabou mesmo... aqui mesmo você via caça passar à vontade, hoje você não vê, nem cobra você não vê hoje, até cobra cê acha difícil cê vê uma cobra aqui!”

Outro importante elemento trazido por Seu Zequinha, referindo-se à degradação ambiental nas áreas de mangue e dos estoques pesqueiros é o grande número de moradores que hoje se encontram vivendo em São Francisco do Conde. Por conta da indisponibilidade de empregos diretos que garantam as condições mínimas de sobrevivência, observa-se que a cultura pesqueira e o uso dos recursos naturais por extração acabam sendo uma alternativa de sobrevivência à comunidade. Como nos relata, de alguns anos que se seguem, o número de desempregados entrando no ramo da

⁷ Consideramos que o que Seu Dé tenta expressar com o termo agressivo, pode ser lido como “agredido”, por conta da contextualização que se segue em relatos de impactos ambientais.

⁸ Consideramos cutia como quantia.

pesca e a diminuição do pescado por motivos de degradação, somente têm acelerado o declínio da quantidade do pescado da região, além de trazer a problemática do consumo de bens descartáveis, que em sua época eram inexistentes.

“O meio ambiente naquele tempo... a mata e o mangue era descansado... os bichos na mata e os animais... os animais nos matos, tinha mais liberdade, entendeu? A pescaria e o mangue tinham mais fartura, por quê? Por causa da quantidade de gente que era menos... então... o ambiente era outro. A saúde também era outra, não tinha a sujeira que temos hoje, qualquer lugar, no rio, nas matas, tudo, no mar, na mata, tudo tem sujeira hoje... naquele tempo não (...) era porque era menos pessoas, a população era menos, tá entendendo? E naquele tempo não tem, não tinha, os produtos que tem hoje, porque hoje é, é... tudo é fabricado, tudo é plástico, é isso, é aquilo, então usa e vai pra onde? Pro meio ambiente, vai pro mangue, pras lagoas, a gente vê, né? Vai pros rios e dos rios aí vai poluindo, vai poluindo. Essas fábricas derrama tudo quanto é porcaria pelo do mar, né?”

Outra abordagem discutida com os pescadores foi sobre a implementação do EcoResort que se instalará na Ilha de Cajaíba, pertencente, antes de sua privatização, ao município de São Francisco do Conde e próxima de sua costa, cerca de quarenta metros, em alguns trechos. Sobre a construção desse empreendimento, há um significativo descontentamento da população ribeirinha, principalmente daqueles que dependem diretamente da pesca e da mariscagem como fonte de renda.

“E...sobre a ilha de Cajaíba... nós tamo com um pouco de medo, porque nós temos esse canal aqui(...) esse canal é muito produtivo pra todos os pescador, então(...) nós tamos querendo que eles deixem um documento assinado na justiça de quando eles se responsabilizem, que eles vão se responsabilizar por qualquer dano causado à área da pesca, tanto na na nos equipamentos da pesca ou na embarcação dos pescador, porque eu mesmo não concordei com essa construção aí não, concordei não porque essa ilha é muito produtiva pra classe pobre.” (Seu Dé)

Ressaltando a importância do lugar, continua:

“a ilha de Cajaíba é uma ilha histórica, então nunca pode o pescador se afastar da ilha de Cajaíba, porque o pescador quando ele está pescando, inclusive à noite, aí ele se aposenta na beira do mar ali na ilha, aí é um aconchego para ele passar a noite, se proteger de chuva, sereno.” (Seu Dé)

Em meio à complexidade de interesses por parte da população que encontra-se dividida (há argumentos como a geração de empregos, visibilidade turística em potencial e crescimento econômico para o município), há contraste com outra parcela da população que não se demonstra tão crédula sobre esses aspectos, principalmente pela ampliação da análise que suas experiências de vida enquanto “moradores do mar” lhes permite fazer.

Do mesmo modo como Kawahara, Quadros e Sato (2011), constatamos que “enquanto os canoieiros dialogavam com os pesquisadores, narravam suas vidas considerando a aprendizagem coletiva na comunidade, bem como reconheciam alguns impactos ambientais que já afetam a região” (p.06).

Os enunciados dos sujeitos-pescadores nos possibilita pensar a estreita relação entre ser humano e meio ambiente que estes carregavam em suas lembranças daquilo com que conviveram desde a infância.

Desse modo, passamos não apenas a conhecer previamente os diversos atores locais, mas alguns de seus tantos causos, seus hábitos de narrar e suas atividades do cotidiano, vividos no presente, mas, principalmente, no passado. Podemos conhecer, porém, mais ainda, avaliar de que maneira o cotidiano pode determinar questões na trajetória de vida destes sujeitos-pescadores, ou seja, conhecer alguns elementos que forjaram sua identidade e ainda, algumas das suas perspectivas acerca do tema abordado em sua localidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos para o momento que pretendemos expressar aquilo que Kawahara, Quadros e Sato (2011), anunciaram: “Compartilharmos da percepção ambiental para além da dimensão espacial, que considera a importância da territorialidade ou locus social como princípio que congrega a formação da cidadania.” (p. 14).

Para isto, queremos defender que a discussão ambiental seja ampliada e posta como agregada às culturas. Para elucidar nosso desejo, procuramos nos sujeitos-pescadores de São Francisco do Conde aquilo que não está registrado nos livros. Buscamos na tradição oral uma sustentação para conhecermos a história ambiental, as percepções sobre meio ambiente daqueles que viveram e vivem naquela localidade. Consideramos imperativo destacar que para o desenvolvimento de uma pesquisa de Educação Ambiental em que se privilegiam as fontes orais, reconhecemos que o pesquisador não se atém apenas à descrição dos fatos, mas deve “dirigir seu olhar às relações sociais e aos processos que engendram (RUSCHEINSKY, 2005, p. 147)

Trazer esse assunto à baila de discussão no campo da Educação Ambiental e da Educação em Ciências é enfrentar e assumir, até mesmo politicamente, o lugar das culturas. Há diversas maneiras de demonstrar isto, como temos enveredado em nossas pesquisas.

Conforme já mencionamos, São Francisco do Conde é uma cidade que possui um passado histórico marcado pela pesca e, há algum tempo, tem sido explorada pela Petrobras, além da nova e forte especulação imobiliária, o que tem possibilitado uma cisão na opinião entre os moderadores dividindo-os entre acusação e defesa no que se refere ao “desenvolvimento” do lugar.

Neste artigo, procuramos lançar lampejos de uma discussão sobre meio ambiente e culturas amparados pela história oral, pois foi com a pesquisa realizada que potencializamos o nosso desejo de transbordamento daquilo que é considerado “natural” nas pesquisas da área de Ciências Biológicas, principalmente, como o currículo do curso vigente em muitas universidades.

Nossa intenção é que este texto possibilite outros pensamentos, reflexões sobre novas possibilidades de estudo, principalmente, pelo fato de a Educação Ambiental ainda ser um campo de investigação que possui uma gama de possibilidades de abordagens metodológicas e a história oral nos

indica este forte empreendimento. Além disso, constatamos em nossa pesquisa que a história oral agregada à Educação Ambiental contribui significativamente para repensarmos novos processos educativos no Ensino de Biologia, seja na área da formação de professores ou do currículo.

REFERÊNCIAS

- AMADO, J. e FERREIRA, M. M. **Usos & abusos da historia oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BENJAMIN, W. Obras Escolhidas: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CALVINO, Italo. **Palomar** . 2a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CASTELLUCCI JÚNIOR, W. Pescadores da Modernagem: **cultura, trabalho e memória em Tairu**, Bahia: 1960-1990. São Paulo: Annablume, 2007.
- DA ROS, José Pedro e CRUZ, Walter F. O. Memórias do Lugar: o turismo na ilha do Campeche. **Psicologia e Sociedade**. 23 (3): 625-633, 2011.
- GODOI, E. P. de. O trabalho da memória: **cotidiano e história no Sertão do Piauí**. Campinas, Sp: Editora da UNICAMP, 1999.
- KAWARARA, Lúcia S. I; Imara P. Quadros e SATO, Michele. Pedagogia Pantaneira no Trançado da Identidade dos Canoeiros, pela linguagem bilíngue da arte-educação ambiental. **Anais da 34a Reunião da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação**, GT de Educação Ambiental, 2011.
- MEIHY, J.C.S.B & HOLANDA, F. História oral: **como fazer, como pensar**. Contexto. São Paulo, 2007.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. É possível um currículo fazer desejar? In: PARAÍSO, Marlucy Alves. (org.). **Currículo e Culturas**. Curitiba: Editora CRV, 2010.
- REIGOTA, Marcos.; RIBEIRO, R. P.; RIBEIRO, A. **Trajetórias e narrativas através da Educação Ambiental**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- REIGOTA, M.e PRADO, B. H. S. .Educação Ambiental: **utopia e práxis**. São Paulo: Cortez, 2008.
- REIGOTA, Marcos. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias**, v. 11, p. 1-6, 2010.

RUSCHEINSKY, A. A pesquisa em história oral e a produção do conhecimento em educação ambiental. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel. (Org.). Educação Ambiental: **pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SANTOS, F. R. Educação Ambiental, Memória e a Construção de Saberes Ambientais. In: **VII Congresso Nacional de Educação da PUCPR - EDUCERE e no III Congresso Ibero-americano sobre Violência nas Escolas** - CIAVE, 2008.

WHITAKER, D. C. A., VELÔSO, T. M. G. (org.). Oralidade e subjetividade: **os meandros infinitos da memória**. Campina Grande: EDUEP, 2005.

ZANCO, J. Histórias da Lagoa do Peri. In: GUIMARÃES, L. B. et al (org.). **Tecendo subjetividades em educação e meio ambiente**. Florianópolis; NUP/CED/UFSC, 2003.